

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	01	12	F20	07
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Recife
MUNICÍPIO / UF	Recife/PE

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Traga a Vasilha
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Traga
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**PE****01****01****12****F20****07**

Foto 01

Descrição: Traga a Vasilha, ensaio no Recife Antigo

Localizador (anexo 2 nº: 740)



Foto 02

Descrição: Traga a Vasilha, ensaio no Recife Antigo

Localizador (anexo 2 nº: 740)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

PE

01

01

12

F20

07



Foto 03

Descrição: Traga a Vasilha, ensaio no Recife Antigo

Localizador (anexo 2 nº: 740)



Foto 04

Descrição: Traga a Vasilha, ensaio no Recife Antigo

Localizador (anexo 2 nº: 740)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Traga a Vasilha trata-se de um agrupamento de batuqueiros provenientes de diferentes maracatus nação, grupos percussivos ou mesmo curiosos que se juntam para tocar os baques de diversos maracatus nação, sobretudo o do Estrela Brilhante do Recife e do Estrela Brilhante de Igarassu. Os encontros ocorrem todas as sextas-feiras à noite, no bairro do Recife Antigo, na Rua Mariz e Barros, em frente ao Armazém 14. Qualquer pessoa pode trazer seu instrumento ou mesmo tomar emprestado de alguém e participar da despretensiosa batucada. Não se exige nenhum tipo de qualificação técnica para entrar no batuque, bastando conseguir um instrumento. O evento aglomera esses batuqueiros e também curiosos que assistem à batucada, dançando e cantando. Na celebração, esses batuqueiros se reúnem e tocam baques e toadas de diversos maracatus nação, além de, por vezes, tocarem também outros ritmos da cultura popular pernambucana como coco e ciranda. A proposta do evento é principalmente a diversão, além da troca de conhecimento e experiência sobre os baques e linguagens do maracatu de baque virado. O Traga a Vasilha não possui vínculos oficiais com nenhum maracatu nação, apesar de contar com a presença de batuqueiros de algumas nações; a regência da batucada, por exemplo, fica por conta principalmente de alguns mestres de maracatu nação ou mesmo regentes de grupos percussivos que vêm prestigiar o batuque. Ainda assim, qualquer pessoa que chegue e peça para cantar uma toada ou puxar um baque é permitida. Uma das presenças mais marcantes na regência é de Mestre Walter do Estrela Brilhante do Recife, que participa da celebração desde seu início em 2000; Mestre Gilmar do Estrela Brilhante de Igarassu e sua família também são frequentadores recorrentes. Os mestres ou regentes cantam as toadas com o auxílio de um microfone ligado a uma caixa de som. Nada mais é preciso para que a batucada aconteça. Os instrumentos utilizados são aqueles associados ao baque dos maracatus nação, ou seja, alfaias, caixas ou taróis, gonguês, ganzás, abês, mineiros e atabaques. Participam do evento uma média de 50 pessoas, em sua maioria jovens na faixa dos 18 aos 30 anos, sendo equilibrada a quantidade de homens e mulheres. A batucada também atrai um grande público que para ao redor do aglomerado de batuqueiros, dispostos em formação livre. É muito comum que o público que circunda os batuqueiros fique dançando o ritmo do maracatu ou bebendo. As bebidas são obtidas nos bares localizados na própria rua ou por meio dos vendedores ambulantes; esses mesmos vendedores também servem salgados diversos, sanduíches, queijo coalho assado na brasa, tapiocas, dentre outros alimentos comuns em eventos de rua. Em 2005, o Traga a Vasilha alcançou a maior quantidade de participantes, no entanto, em 2012, mesmo com menos gente, a celebração se firmou pois, mesmo que os principais articuladores não compareçam, o evento alcançou tal autonomia que os próprios batuqueiros que estiverem no espaço darão conta de realizar a batucada de forma independente. O grupo reunido em torno do Traga a Vasilha não se apresenta em outros espaços ou mesmo por contratos, mas na sexta-feira que marca a Abertura do Carnaval, o grupo realiza um arrasto de maracatu pelas ruas do Recife Antigo por volta da meia noite. O Traga a Vasilha é um fenômeno que reflete o interesse que o ritmo do maracatu desperta em jovens das mais diversas etnias e classes sociais. Vale ressaltar que essa celebração também contribui para a maior visibilidade dos maracatus nação por atrair muitos turistas e também por possibilitar que outras classes sociais que geralmente não frequentam as comunidades maracatuzeiras conheçam o ritmo do maracatu. No entanto, a celebração recebe muitas críticas, principalmente às relacionadas às pessoas que abusam do uso de bebidas alcoólicas ou mesmo de drogas ilícitas que, por vezes, adentram o batuque.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Traga a Vasilha atualmente ocorre na Rua Mariz e Barros, que corta a famosa Rua da Moeda, onde o encontro se fez presente por muitos anos. A Rua da Moeda possui esse nome devido a uma moradora chamada Maria Rodrigues, que era a viúva de Antônio Saraiva, rico proprietário que possuía quatro sobrados de construção holandesa, localizados nessa rua. A Rua da Moeda por muitos anos era uma parte do bairro que não havia sido reestruturada, até a revitalização do Bairro do Recife, em meados da década de 1990, ou seja, por muito tempo possuiu edificações deterioradas, iluminação precária, fachadas sem pinturas novas. Desse modo, até sua revitalização, a rua nada tinha que pudesse lhe configurar um status de lugar, compreendendo lugar como: “uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente”. A Rua da Moeda, como outras ruas do bairro, limitava-se a ser um estacionamento para os inúmeros veículos que ocupavam a pequena ilha. À revelia do processo de revitalização do bairro, sem ser planejado ou incentivado, com um caráter espontâneo, surge o Polo Moeda que conquistou força e visibilidade que não puderam ser ignoradas e passou a ser um polo de animação alternativo dentro do bairro do Recife Antigo. O polo permaneceu como um elo de continuidade de certas práticas e sentidos que já existiam antes da revitalização. O lazer na Rua da Moeda surgiu como um catalisador de manifestações culturais alternativas, por vezes, ligadas à periferia da cidade ou pretendendo fazer essa ponte. Foi um espaço construído, inclusive, pelo discurso contra a prática e a estética da cultura oficial. Um dos movimentos culturais que podem ter servido de inspiração para tal postura foi o Movimento Mangubeat que, sob a liderança de Chico Science, renovou a cena musical dos anos de 1990. No caso dos maracatus nação, o lugar da Rua da Moeda vai tornando-se referência a partir de alguns eventos, com destaque, entre eles, para o “Traga a Vasilha” e também para os Ensaios com Naná Vasconcelos realizados com os maracatus nação no período pré-carnavalesco. Após alguns anos na Rua da Moeda, o Traga a Vasilha transfere-se para a Rua Mariz e Barros, onde a circulação de pessoas é um pouco menor, mas ainda assim não perde seus vínculos e referências com a Rua da Moeda e o Recife Antigo como um todo, tendo em vista que o bairro se tornou um lugar de referência para se encontrar o ritmo do maracatu nação.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

No local não existem marcos edificadas que tenham uma relação direta com o Traga a Vasilha. No entanto, vale salientar que assim como a Rua da Moeda, a rua Mariz e Barros é repleta de bares e vendedores ambulantes, que fornecem bebida e alimentação para os participantes e admiradores do evento.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Para que a celebração ocorra não é necessário nenhum tipo de agenciamento específico. Os batuqueiros chegam com seus instrumentos e se reúnem para batucar no meio da rua.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES						PE	01	01	12	F20	07
-------------------------------------	--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: TODAS AS SEXTAS FEIRAS ☐ DATA MÓVEL:										
DURAÇÃO	DE 23H A 04H										
PERIODICIDADE	☐ ANUAL ☒ OUTRA ESPECIFICAR: SEMANAL										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001											
2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O Traga a Vasilha surgiu no ano de 2000, a partir de um encontro de alguns batuqueiros do Maracatu Estrela Brilhante que desejavam tocar maracatu durante todo o ano e não apenas no período dos ensaios oficiais, que era de outubro a novembro. Bruno Cortes Uchôa de Miranda, um dos principais articuladores da celebração, afirma que conheceu o maracatu primeiramente nos eventos relacionados ao mês do folclore na escola e, mais tarde, por meio das apresentações e cortejos do Maracatu Nação Pernambuco. Ele também frequentava a Noite dos Tambores Silenciosos desde a adolescência acompanhado de seu pai, mesmo sem entender muito bem do que se tratava a celebração. No carnaval de 1996, Bruno disse que se impressionou com a performance de Mestre Walter de França, do Maracatu Estrela Brilhante. Ao fim da celebração, ele conversou com um batuqueiro conhecido como Fabinho, que lhe informou o período dos ensaios do maracatu no Alto José do Pinho, salientando que bastava chegar no ensaio para aprender a tocar o maracatu e desfilar com a nação no carnaval. No final do mesmo ano, Bruno e mais uns amigos foram até o ensaio do grupo e passaram a participar ativamente das atividades do Maracatu Estrela Brilhante, não apenas como batuqueiros, mas também como apoio, por vezes, conseguindo veículos para transportar o grupo e seus instrumentos de um ponto da cidade para outro. No ano de 2000, alguns batuqueiros do Estrela Brilhante são chamados para tocar maracatu em uma festa particular; eles aceitaram o convite e, a partir de então, começaram a ser chamados para tocar em outras festas de pequeno porte de modo informal e despretensioso, sem receber remuneração pelas tocadadas. Os batuqueiros que participavam dessas festas tomaram gosto pelos encontros e passaram a se reunir toda a semana para tocar maracatu, já que sentiam falta de tocar o ritmo nos períodos do ano onde não existiam os ensaios oficiais na sede do Estrela Brilhante. A primeira providência que tomaram foi encontrar um local para batucar. De início, eles se reuniam aos sábados nas ruas do bairro de Poço da Panela, região habitada por pessoas de classe média, localizada na Zona Norte do Recife, próximo à Casa Forte. As pessoas que residiam no bairro começaram a reclamar do barulho, e os batuqueiros se deslocaram para a Rua da Aurora, na região central do Recife no Bairro da Boa Vista; a reclamação continuou, portanto os batuqueiros se transferiram para os 4 cantos, no Sítio Histórico de Olinda, voltando a receber reclamação dos moradores do entorno. Por fim, eles optaram por tocar nas sextas-feiras à noite na Rua da Moeda, no Bairro do Recife Antigo. A Rua da Moeda era muito agitada, dificultando a concentração dos batuqueiros, que decidiram, então, tocar na Rua Tomazina, onde hoje se localiza o afamado Bar Burburinho. Na época, a rua era mais tranquila, possuindo apenas um boteco na esquina. Toda essa movimentação e mudança de local da batucada aconteceu no ano 2000. Os batuqueiros que se reuniam, cerca de quinze, eram todos pertencentes ao Maracatu Estrela Brilhante, no entanto, alguns eram da classe média e outros da comunidade do Alto José do Pinho. Bruno afirma que, nos dias da batucada, pegava sua caminhonete e buscava os batuqueiros do Alto José do Pinho que participavam do evento. Ao se deslocar para o Recife Antigo, o grupo passou a chamar a atenção de batuqueiros de grupos percussivos e de alguns maracatus nação. O grupo era aberto, portanto, quem quisesse tocar, bastava trazer seu instrumento e participar da batucada, sem pagar e nem receber nada por isso. O responsável pela regência do batuque na época era o próprio mestre do Estrela Brilhante, Walter de França; naquele ano, o evento ou grupo não possuía um nome, eles se referiam à batucada simplesmente como "gréia". O ano de 2000 foi marcante para esse grupo de batuqueiros, não apenas por ter marcado o início de suas reuniões, mas também por duas situações específicas. Um produtor cultural que admirava o grupo escreveu um projeto que visava colocar o grupo para realizar

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				PE	01	01	12	F20	07
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

oficinas de maracatu de baque virado em pontos turísticos da cidade, como a Praça de Boa Viagem. A proposta era de realizar uma batucada nesses lugares e posteriormente permitir que turistas e demais pessoas presentes no local tivessem contato com os instrumentos e aprendessem como se toca. O projeto foi aprovado por meio de um edital aberto pela Prefeitura da Cidade do Recife. Os batuqueiros que ministravam as oficinas eram remunerados, e, de acordo com Bruno, de início o projeto foi bastante produtivo. No entanto, com o tempo as ideias acerca do modo como o projeto deveria continuar não foram pensadas da mesma maneira pelo grupo e pelo produtor, e as atividades do projeto se encerraram naquele mesmo ano. Outro fato marcante foi o engajamento do grupo na campanha do então candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) para prefeito do Recife. De acordo com Bruno, nas campanhas do partido, é comum que os militantes se reúnam para tocar maracatu durante comícios e passeatas. Até o ano de , o grupo tocou na Rua Tomazina, atraindo cada vez mais batuqueiros. No mesmo ano, alguns batuqueiros que participavam da celebração resolvem tocar em uma festa que aconteceria no bairro de Casa Forte, Zona Norte do Recife. Para atrair mais pessoas para o evento, eles subiram em uma caminhonete com um megafone, anunciaram o local da festa, avisavam da batucada e pediam aos transeuntes: “traga a vasilha!”. Naquele momento o nome agradou a todos que compreenderam vasilha como sendo o tambor, e assim a antiga “gréia” foi rebatizada de “Traga a Vasilha”. O evento foi tomando grandes proporções acontecendo todas as sextas-feiras à noite. Com a grande quantidade de pessoas, eles precisaram sair da Rua Tomazina e ocupar a Rua da Moeda. O evento contava somente com a presença de batuqueiros de diversos grupos percussivos e maracatus nação, que traziam seus próprios instrumentos e um microfone e uma pequena caixa de som, para o regente do batuque cantar. Com a fama do evento, outros mestres de maracatu passaram a prestigiar o Traga a Vasilha, como o Sr Antônio José da Silva Neto, conhecido por Sr. Teté, que é mestre do Maracatu Nação Almirante do Forte, e Gilmar Santana, mestre do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu. Em 2005, Bruno afirma que muitas pessoas de grupos culturais ou movimentos sociais começaram a se aproveitar do espaço e do público cativo que vinha prestigiar o Traga a Vasilha para promover seus espetáculos ou propostas. A situação ficou incômoda para o grupo, que passou a batucar no final da Rua Mariz e Barros, em frente a um posto de gasolina. A celebração jamais contou com o financiamento de nenhum órgão público ou privado, nem mesmo remunerou alguém. O que ocorre é uma ajuda de custo aos mestres que desejam frequentar.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O Traga a Vasilha é, sem dúvida, uma celebração muito conhecida, tanto pelos maracatuzeiros, quanto pelos admiradores do ritmo dos maracatus nação. Contudo, a visibilidade da celebração não garante que ela esteja livre de críticas por parte de algumas pessoas, inclusive por parte dos maracatuzeiros. Em entrevista concedida para este INRC, Bruno Cortês Uchôa de Miranda afirmou que algumas pessoas que participaram do Traga a Vasilha não compreenderam a proposta do grupo, que é primeiramente a do entretenimento e troca de experiências, querendo formalizar a reunião dos batuqueiros, tentando se apropriar ou liderar a celebração. Como essa não era a vontade da maioria das pessoas que se reúnem no evento, as pessoas que tentaram liderar ou se apropriar do grupo de batuqueiros acabaram se afastando do Traga a Vasilha ou mesmo criando seu próprio grupo percussivo ou oficina. Bruno também se mostrou bastante crítico em relação a grupos culturais ou movimentos sociais que tentaram conseguir visibilidade para seu evento tentando tirar proveito do público que prestigia o Traga a Vasilha.

Alguns mestres das nações de maracatu também possuem ressalvas em relação à celebração. A principal delas está relacionada ao uso de drogas ilícitas por pessoas que, de acordo com eles, tocam no Traga a Vasilha. O ajuntamento de pessoas drogadas ou embriagadas como espectadores do batuque também é algo que incomoda muitos mestres. Quando questionado a respeito disso, Bruno afirma que, por estar ocorrendo num local público e boêmio, fica difícil que os articuladores do Traga a Vasilha obtenham controle acerca das práticas do público envolvido. Para os mestres, as drogas não combinam com o ritmo do maracatu nação, configurando uma espécie de desrespeito. Alguns deles salientam também que o local onde é realizada a batucada trata-se de uma encruzilhada, espaço destinado a Exu (divindade da religião dos orixás e jurema - religião de influências ameríndias, afro e lusas que cultua mestres e mestras, caboclos e caboclas, exus e pomba-giras, dentre outras entidades). Assim, ao realizar o batuque naquele espaço, Exu estaria sendo invocado e que esse tipo de invocação não deveria ser feito por pessoas que não são ligadas à religião. Todas essas celemas e interditos revelam como os maracatus nação são compreendidos como algo que possui uma dimensão sagrada por parte de alguns mestres e maracatuzeiros. Bruno afirma que, apesar de todas as críticas que o Traga a Vasilha recebe por parte dos mestres, muitos dos que criticam continuam a frequentar a celebração.

Ainda em relação aos mestres de maracatus nação que eventualmente participam do Traga a Vasilha, Bruno aponta para a questão da dificuldade em lidar com a vaidade deles. Por mais que, de acordo com o entrevistado, jamais tenha ocorrido brigas ou discussões entre os mestres durante a celebração, sabe-se que a rivalidade entre os maracatus nação é muito grande. Nesse sentido, é possível perceber certa disputa por espaços ou visibilidade dos mestres dentro do Traga a Vasilha, seja por meio de atitudes ou conversas informais, mesmo que de forma sutil.

Por fim, é interessante salientar a importância que Bruno e seus companheiros de batuque atribuem ao Traga a Vasilha no sentido de considerarem a celebração como “resgate” da visibilidade e valorização de muitos maracatus nação. Ele afirma, por exemplo, que nações como Estrela Brilhante de Igarassu e Almirante do Forte estavam “esquecidas” pelo público que admira os maracatus nação e que, por meio da participação no Traga a Vasilha, divulgaram suas nações e obtiveram mais visibilidade e espaços no mercado cultural.

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
2000	Início das reuniões dos batuqueiros do Estrela Brilhante do Recife fora do período oficial de ensaios para o carnaval no bairro do Poço da Panela.
2001	A batucada passa a acontecer nas sextas-feiras à noite no bairro do Recife Antigo.
2002	A batucada é batizada de Traga a Vasilha.
2005	O Traga a Vasilha passa a acontecer, não mais na Rua da Moeda, e sim no fim da Rua Mariz e Barros.

8. ATIVIDADE**8.1. PROGRAMAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
-------	-----------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Concentração dos batuqueiros na Rua Mariz e Barros	Batuqueiros e simpatizantes do Traga a Vasilha concentram-se no espaço da celebração para se socializarem, enquanto aguardam o início do batuque. É comum que essas pessoas bebam e se alimentem nesse momento de socialização.
Início do batuque	Por volta das 23h, os batuqueiros pegam seus instrumentos e começam a batucar.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Mestres regentes e	Cantam toadas e regem o baque do maracatu.
Batuqueiros	Executam o batuque do maracatu.
Público	Interage com a celebração dançando e cantando as toadas.

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	O capital utilizado para a realização do evento é ligado à ajuda de custo para a participação dos mestres dos maracatus nação, no sentido de que eles recebem auxílio para pagarem suas passagens de ônibus e alimentação.
QUEM PROVÊ	Os donos dos bares ao redor geralmente dão uma pequena contribuição que acaba cobrindo esses custos.
FUNÇÃO	Criar boas condições para que os mestres dos maracatus nação se motivem para participar da celebração.

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Não existem comidas ou bebidas diretamente relacionadas ao Traga a Vasilha, porém os participantes e o público podem comprar suas bebidas e lanches nos bares e vendedores ambulantes distribuídos nas redondezas. As bebidas disponíveis vão desde cerveja, vinho e bebidas destiladas diversas além de refrigerante, suco e água. As comidas são as comidas típicas de botecos, além de salgados (coxinhas, pastéis e folhados), cachorro quente, hambúrgueres, macaxeira, tapioca etc.
QUEM PROVÊ	Os bares e vendedores ambulantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentar as pessoas que participam ou prestigiam a celebração.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					PE	01	01	12	F20	07
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Foram considerados nesse inventário como objetos ou instrumentos rituais aqueles que possuem uma dimensão sagrada. Para alguns maracatuzeiros, qualquer instrumento utilizado no maracatu é por si só sagrado; para outros, o instrumento precisa passar por uma obrigação religiosa para se tornar sagrado. Nesse sentido, o caráter sagrado dos instrumentos presentes no Traga a Vasilha vai depender do ponto de vista de cada pessoa. Na batucada estão presentes instrumentos musicais de percussionistas que participam apenas de grupos percussivos e outros que são provenientes das nações de maracatu. Portanto, o conteúdo sagrado ou não é bastante discutível.
QUEM PROVÊ	Cada batuqueiro traz seu próprio instrumento.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Proporcionar a música do maracatu.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Não existem trajes específicos para a participação no Traga a Vasilha, cada pessoa utiliza a roupa que quiser, sendo a maioria casual. No entanto, alguns batuqueiros utilizam camiseta com o nome do maracatu nação ou grupo percussivo a que pertencem.
QUEM PROVÊ	Cada participante ou público provê seu próprio traje.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Quando o traje é o mesmo do dia a dia ele não possui nenhum significado especial relacionado ao maracatu, porém, quando são utilizadas camisetas com referência a algum maracatu nação ou grupo específico, o traje serve com marco identitário para quem a veste.

8.8. DANÇAS

DESCRIÇÃO	A dança ocorre no Traga a Vasilha por meio de modo espontâneo e não ensaiado pelo público que prestigia a celebração. As pessoas que dançam no Traga a Vasilha podem ser totalmente leigas em relação à dança do maracatu, como também maracatuzeiros de alguns maracatus nação ou bailarinos dos grupos percussivos. Vale salientar que a maioria das pessoas que dançam ao som do maracatu, sejam elas maracatuzeiras, bailarinas ou leigas, são em sua maioria mulheres. As pessoas leigas, por vezes, procuram imitar o modo de dançar das pessoas que executam a dança do maracatu ou então executam uma dança própria e individual, guiando-se pelas batidas dos tambores, sem se preocupar com movimentos específicos. Os movimentos da dança do maracatu são, de modo geral, leves, mas bem expressivos nos braços, o movimento dos pés é mais contido com a sola inteira no chão, ou seja, não fazem ponta e ao longo do percurso podem ocorrer giros. A dança segue a mesma cadência do batuque. Diferentemente da parte percussiva, que possui variações marcantes de nação para nação, na dança essas diferenças, se existem, não são percebidas com facilidade, são bem sutis. Vale lembrar que, dentro do cortejo do maracatu, existem determinadas alas como a dos escravos, que são coreografadas, realizando a dança do maracatu de modo mais estilizado, dialogando com outras vertentes de dança popular, dança afro e dança contemporânea. Durante o Traga a Vasilha, algumas pessoas podem realizar essa dança "estilizada" do ritmo do maracatu, principalmente as bailarinas dos grupos percussivos. Para maiores informações sobre a dança do maracatu nação, vide Ficha de Identificação de Formas de Expressão para Dança neste INRC.
QUEM EXECUTA	Maracatuzeiros, bailarinos dos grupos percussivos e público em geral.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança faz parte do conjunto de práticas que caracterizam um maracatu nação, logo, numa celebração como o Traga a Vasilha, que executa o ritmo do maracatu, espera-se que as pessoas que buscam se entreter executem a dança do maracatu; no entanto, salienta-se que, diferentemente do contexto dos maracatus nação, a dança no Traga a Vasilha é realizada apenas com fins de entretenimento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	A música executada durante o Traga a Vasilha é principalmente a música do maracatu. Nesse caso, os batuqueiros utilizam baques e toadas de diferentes maracatus nação, ou seja, a diversidade de modos de tocar e cantar é muito grande. Para maiores informações sobre a música do maracatu, vide Fichas de Ofícios e Modos de Fazer para Baque ou Toada.
QUEM PROVÊ	Os batuqueiros que participam do Traga a Vasilha.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Caracterizar o ritmo do maracatu e entreter as pessoas presentes na celebração.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Os instrumentos musicais utilizados no Traga a Vasilha são os mesmos utilizados pelos maracatus nação, ou seja: alfaias, caixas ou taróis, gonguês, mineiro, abês ou atabaques. Para maiores informações, vide Ficha de Identificação de Ofícios e Modos de Fazer para cada instrumento supracitado.
QUEM PROVÊ	Cada batuqueiro é responsável por trazer seu próprio instrumento.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Criar condições para a execução do ritmo do maracatu nação. Entreter os presentes na celebração.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA.

EXECUTANTE	ATIVIDADE

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
O público do Traga a Vasilha é bem diversificado. É preciso lembrar que a celebração ocorre num espaço público, ou seja, na Rua Mariz e Barros, no bairro do Recife Antigo, famoso pelos seus bares e casas noturnas. O Recife Antigo, por estar associado à boemia, já atrai uma série de pessoas das diversas etnias e classes sociais, ainda mais por obter opções de entretenimento tanto caras como baratas, assim como uma diversidade de opções culturais, voltadas para o samba ou pagode, mpb, música eletrônica, reggae, rock e hip hop. Nesse sentido, o perfil do público que prestigia o Traga a Vasilha é tão diverso quanto o público que frequenta o bairro nas sextas à noite. Ainda assim, é possível afirmar que parte do público da celebração tem por motivação a própria celebração, enquanto que outros vêm ao Recife Antigo com outros objetivos e param para prestigiar o Traga a Vasilha ao acaso, ou durante de seu percurso.

10. BENS ASSOCIADOS

Sítio (10)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Baque	6

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		PE	01	01	12	F20	07
-------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

Batuque	7
Dança	11
Toada/Loa	18
Alfaia/Bombo	19
Batuqueiro	20
Caixa/Tarol	21
Gonguê	22
Mestre de Batuque	23
Mineiro/Ganzá	24

Recife (9)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Grupos Percussivos	28
Maracatu Nação Almirante do Forte	29
Maracatu Nação Encanto do Pina	36
Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife	37
Maracatu Nação Leão da Campina	40
Maracatu Nação Porto Rico	44
Bairro do Recife	50
Abê	58
Atabaque (ou Tabaque)	59

Olinda (0)

Igarassu (1)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu	2

Jaboatão (3)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Aurora Africana	2
Abê	4
Atabaque (ou Tabaque)	5

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África**. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p. (anexo 1 n°: 176)

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2

Registro número:

837, 1095

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2

Registro número:

740

13. OBSERVAÇÕES**13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	PE	01	01	12	F20	07
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Esta ficha foi preenchida com base em informações concedidas pelos maracatuzeiros e demais entrevistados para este INRC, com roteiro específico elaborado pela equipe de pesquisa.				
PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.				
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski				
REDATOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen				26/10/2012